



EDUCAÇÃO POPULAR NO CIEP 001: OFICINAS DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS ANTIRRACISTAS - VISIBILIZANDO PERSONALIDADES NEGRAS

ARIANE DE FARIAS FERREIRA; VITOR DE VASCONCELOS ALMEIDA; FERNANDA PASCHOAL XAVIER; GIOVANNI CODEÇA DA SILVA

RESUMO

Este resumo expandido visa abordar duas temáticas: os quarenta anos da inauguração do Centro Integrado de Educação Pública (CIEP)-001, nomeado Presidente Tancredo Neves - criação do governador Leonel de Moura Brizola, do educador Darcy Ribeiro e do arquiteto Oscar Niemeyer; e o Projeto de Extensão Oficina de Contação de Histórias Antirracistas, realizado na Vª Feira Literária do Tancredo (FLIT), com o tema “Identidade, Território e Cultura Afro-Brasileiro e Indígena”, a partir da concepção de educação popular, com o material produzido pelo coletivo Negro Muro. Educação popular entendida como valorização do ser humano, que possui como objetivo a formação de cidadãos críticos, com capacidade, se desejarem, de transformar a sociedade; tendo como condições essenciais: o educando, sua visão de mundo e o contexto social no qual o educando está inserido. Estas condições coadunam com a proposta pedagógica inicial do CIEP e com o Projeto Especial de Educação (PPE), fase inicial que antecedeu a construção do CIEP, e obteve a participação de 30.000 docentes da rede estadual de educação do Rio de Janeiro. Foi um marco na construção de uma proposta coletiva de educação e alicerçou o projeto de uma educação integral, em tempo integral. A proposta do CIEP era integrar Estado, Escola e Família, a leitura que realizamos e que colocamos no Projeto de Extensão está ancorada em Milton Santos, compreendendo a relação dos indivíduos, com território, espaço e o lugar. A promoção da educação, lazer e a saúde, no CIEP, tinham como objetivo a formação humana e o cuidado, associado a iniciação ao trabalho com a introdução desde a educação fundamental, dos valores do mundo do trabalho e das atividades de formação ligadas as técnicas de trabalhos manuais e artesanato, e assim consubstanciando o Direito à Vida.

Palavras-chave: Representação; Oralidade; Antirracismo.

1 INTRODUÇÃO

Em 2024, os alunos da graduação dos cursos de História e Pedagogia da Universidade veiga de Almeida (UVA) realizaram o Projeto de Extensão I sob coordenação do professor Giovanni Codeça da Silva, a convite da docente Fernanda Paschoal Xavier, para participar da 5ª Feira Literária do Tancredo (FLIT) realizada nos dias 5 e 6 de setembro do mesmo ano. A temática da feira foi a Identidade, Território e Cultura Afro-brasileira e Indígena, com objetivo de ampliar a bagagem cultural, o repertório linguístico e as experiências dos estudantes, a partir da literatura e das múltiplas linguagens. A escola onde o projeto ocorreu foi o CIEP-001 Presidente Tancredo Neves, localizado no bairro do Catete, zona sul do Rio de Janeiro. A primeira unidade deste modelo criada e desenvolvida governador Leonel de Moura Brizola, do educador Darcy Ribeiro e do arquiteto Oscar Niemeyer. O projeto de extensão neste território motivou a produção deste resumo expandido que se enquadra como uma revisão bibliográfica e um relato de experiência.

Vivemos numa sociedade, que desde as três últimas eleições presidenciais, experimenta

segundo o senso comum, uma polarizada política. Esta forma de socialização ganhou capilaridade nos Estados e Municípios, e penetrou os grupos de amigos, a família, as escolas, as instituições religiosas, o futebol... A polarização vem produzindo um número elevado de informações, nem sempre verdadeiras e muitas vezes de difícil checagem em virtude dos usos das Inteligências Artificiais, os grupos de circulação de informação e da própria profusão das notícias falsas. É neste contexto que as informações sobre os CIEP's circulam na sociedade. Alguns pejorativos que ora o apontam como projeto eleitoral, ora como proselitismo político, ou projeto comunista, e mais recentemente espaço para desenvolvimento do marxismo cultural. Em outros momentos de forma positiva, ora como único projeto concreto de transformação social, ora como maior projeto de transformação social através da educação já implementado, em outros momentos como a materialização do direito à vida, e mais recentemente como o único experimento social que poderia ter reduzido, através da educação, as desigualdades e a violência na cidade do Rio de Janeiro.

Essa variação de interpretações e principalmente a polarização política sobre a proposta nos impulsionou a buscar uma literatura que nos auxiliasse a compreender o projeto. O primeiro material visitado foram as informações sobre o projeto que circulam na Internet. Porém, esta pesquisa reforçou a polarização sobre a temática, não permitindo uma leitura crítica da proposta. O segundo material utilizado para pesquisa foi a Hemeroteca Digital, da Biblioteca Nacional, e o método utilizado foi o de pesquisa por palavra-chave. A consulta a Hemeroteca nos possibilitou a leitura de alguns periódicos da época (1983-1985) propiciando a percepção de que o lançamento do Projeto Especial de Educação (PPE), fase inicial que antecedeu a construção do CIEP, e obteve a participação de 30.000 docentes da rede estadual de educação do Rio de Janeiro, já gerava debates políticos acalorados.

De um lado os opositores do projeto: governo federal, na figura inicialmente do General João Baptista Figueiredo, representando a maioria da corporação militar que tinha no governador do Rio de Janeiro, Leonel Brizola, seu inimigo número um, devido a acusação de ser comunista; outro grupo de oposição era a mídia, aliada ao governo militar, tendo na Rede Globo e no SBT, seus principais ícones. As acusações de oposição deste grupo versavam sobre corrupção, desvio de recursos, atraso nas obras, falhas no projeto e risco de desabamento da estrutura física. Por outro lado, o apoio dos movimentos populares e principalmente das centrais sindicais produziam um discurso enaltecendo o projeto como sendo a primeira experiência, pós-escola nova, de transformação social através da educação; os setores intelectuais progressistas se posicionaram favoráveis ao projeto, enaltecendo a figura e a leitura da sociedade realizada por Darcy Ribeiro, aproximando-o de Paulo Freire; e outros intelectuais modernistas apontaram o CIEP como um projeto de engenharia social, retomando Pereira Passos e assonciando a ideia a percepção de corpo contida em Marcel Mauss (1934).

Nas palavras do governo carioca, ora pronunciadas por Leonel Brizola, Darcy Ribeiro e Oscar Niemeyer, os CIEP's eram um marco na construção de uma proposta coletiva de educação e alicerçada no projeto de uma educação integral, em tempo integral - retomando as propostas de Fernando Azevedo e Anísio Teixeira - que consistia numa escola pública de qualidade voltada para as camadas populares. Darcy Ribeiro ampliava a ideia, devido o contexto histórico incluindo a ideia de democracia, e de uma prática que estivesse além do assistencialismo, ou seja, ofertando condições para que as crianças e os jovens pudessem e tivessem condições reais de sonhar e realizar um futuro melhor. Nas palavras do educador...

Ao invés de escamotear a dura realidade em que vive a maioria de seus alunos, proveniente dos segmentos sociais mais pobres, o CIEP compromete-se com ela, para poder transformá-la. É inviável educar crianças desnutridas? Então o CIEP supre as necessidades alimentares dos seus alunos. A maioria dos alunos não tem recursos financeiros? Então o CIEP fornece gratuitamente os uniformes e o material

escolar necessário. Os alunos estão expostos a doenças infecciosas, estão com problemas dentários ou apresentam deficiência visual ou auditiva? Então o CIEP proporciona a todos eles assistência médica e odontológica. (1986, p. 48)

Por sua vez a Contação de Histórias Antirracistas, com base na arte muralista do coletivo Negro Muro, @negromuro (capitaneados por Cazé - @cazearte e Pedro Rajão - @rajao.pedro) tem buscado relacionar a arte, o território e a memória negra, construindo práticas antirracista e possibilitando que projetos educativos floresçam a partir deste. O Projeto de Extensão tem uma dupla finalidade: atuar junto a comunidade na construção de práticas antirracistas, auxiliando professores e escolas; a segunda finalidade visa a formação dos licenciandos envolvidos em atividades antirracistas e lúdicas.

2 RELATO DE CASO/EXPERIÊNCIA

Relatar nossas experiências é realizar, num projeto de extensão antirracista, uma avaliação de nossas posturas, observando como reificamos o colonialismo e quais preconceitos conduzimos. Pois o nosso primeiro olhar deve ser para nossas práticas. Logo, iremos seguir um breve relato das tomadas de decisão e consciência. Então neste ponto assumimos a forma de escrita apresentada por bell hooks e Grada Lilomba.

A primeira a tomar a palavra para si, é Ariane Ferreira. Sou licencianda em História e participante do projeto na condição de contadora de histórias antirracistas. Minha visão sobre os CIEP's, muito influenciada por pessoas próximas, era a de compreendê-lo como uma política ruim. Eleitoreira e fada ao fracasso, mas as ações realizadas na escola, e posteriormente o contato com a proposta educacional contida no CIEP, me levaram a perceber que minha ausência de conhecimento sobre a temática produzia uma visão equivocada da proposta.

O segundo a tomar a palavra para si, é Vitor Almeida. Sou licenciando em História e participante do projeto de contação de histórias antirracistas. Lembro que na ocasião, quando entrei na escola, achei a mesma muito comum. Estrutura precarizada, reformas para serem realizadas, equipamentos simples, como qualquer outra escola municipal. Na minha ignorância enxergava os CIEPS como uma escola comum. Com uma arquitetura diferenciada, por conta de interesses políticos, objetivando a promoção de obras públicas como ferramenta para angariar votos. Porém, ao aprofundar meus estudos sobre a proposta do CIEP, percebi que meu desconhecimento e ignorância, em relação aos CIEP's, de alguma forma foi produzido pela sociedade da qual faço parte. Mas por que? Esta compreensão talvez não seja respondida neste texto, porém, a proposta do CIEP, me fez perceber que a luta pela educação precisa ser uma luta de todos, para além dos interesses individuais e partidários.

A terceira a tomar a palavra para si, é Fernanda Xavier. Sou professora da sala de leitura da unidade escolar e responsável pela idealização e organização da feira literária. Ao longo dos anos em contato e estudos sobre a Lei 10.639 busquei estabelecer algumas abordagens dentro da unidade para dinamizar e transformar em práticas pedagógicas cotidianas as determinações da lei. As feiras literárias com objetivos de ampliar a bagagem sociocultural dos alunos e do corpo docente se tornaram poderosas fermentas para discussões e ações que permitem a percepção e reflexão sobre as identidades, cultura e os espaços ocupados. Assim, as ações experienciadas nas feiras reverberam dentro da unidade, em cada sala e em cada aluno. E com o projeto de extensão além de encantador, foi revelador para os alunos perceberem os espaços possíveis de serem ocupados por pessoas pretas e indígenas com as diversas histórias reais trazidas com a contação de história. É preciso conhecer e reconhecer a própria história para transformá-la.

O quarto a tomar a palavra para si, é Giovanni Silva. Sou professor e coordenador do projeto de contação de histórias antirracistas. Tomei contato com a Lei 10.639, no ano de 2003, devido a determinação de sua implementação. Porém, naquele período, em razão de

minha formação, minha visão de mundo estava centrada numa leitura marxista, onde as relações sociais eram pensadas a partir da luta de classes. Apesar de não negar a existência do racismo, o preconceito racial era percebido por mim de forma subordinada às diferenças de classe, e a superação da dualidade: proletariado *versus* burguesia. Foram necessários anos de vivência escolar e estudos, e principalmente a experimentação direta do racismo e de seus mecanismos de ação na sociedade, dentro e fora da comunidade escolar, para que a consciência da brutalidade do racismo e do colonialismo se fizessem concretas, e se materializassem numa mudança de postura profissional.

As vivências do projeto de extensão têm apresentado resultados para além dos esperados. O contato direto com as crianças, a correria para manter o cronograma das oficinas e as trocas com outros professores e alunos (universitários ou não), produziram uma ambiência crítica por parte de todos os envolvidos. As turmas de alunos reverberam o conhecimento apreendido e medido através de exames diagnósticos para aferir não só as informações passadas, como também analisar o impacto da representação positiva nestes alunos. E assim, segundo Freire (1974) o papel da educação deve ser o de emancipar o oprimido, dando-lhe a possibilidade de pensar criticamente sobre sua situação e agir para transformá-la.

3 DISCUSSÃO

Nesta seção, como é a proposta deste Congresso, devemos apresentar, comentar e interpretar os dados coletados durante a pesquisa, mas nossa discussão e resultados derivam inclusive de uma reflexão crítica sobre nossa própria visão de mundo. Neste sentido adotamos como referência a compreensão de sociedade brasileira exposta por Sueli Carneiro (2023). Mulher, negra, filósofa e ativista, vem denunciando o racismo existente na sociedade brasileira, e propondo ações que objetivam o enfrentamento do mesmo. Para Sueli Carneiro o racismo possui dispositivos de perpetuação que intensificaram-se com o fim do escravismo. Estes dispositivos aperfeiçoaram-se e produzem a anulação da condição humana da população negra. A violência do racismo é uma questão contemporânea, que através da articulação de suas inúmeras frentes de ação, articula saberes e poderes, engendrando o epistemicídio do povo negro que potencializa subjetivações.

No que tange a educação antirracista, nossa referência tem sido a intelectual Bárbara Pinheiro (2023). Neste livro a autora propõe pensar a partir de uma outra epistemologia que não exclusivamente a europeia. Desta forma, rompe a epistemologia eurocolonialista que carrega consigo a visão reducionista de mundo unicamente europeu, quebra a lógica colonialista que impõe a submissão dos colonizados, e busca atropelar o racismo, elemento central e estruturante desta epistemologia. A partir das discussões e formações que antecederam a realização do projeto foram discutidos os seguintes conceitos: racismo estrutural, cotas e pacto da branquitude.

Adotamos como metodologia a contação de histórias - seguindo o sentido atribuído pelas culturas populares e de roda - promovendo a valorização da oralidade e da memória de personalidades negras, quase sempre apagadas ou ausentes da Escola. Acreditamos que contar histórias possa nos possibilitar o estabelecimento de uma conexão emocional e cognitiva com os alunos. A oferta das histórias, possui como centralidade a busca pela valorização de personalidades negras e suas trajetórias, e assim apresentando referências positivas para as crianças e jovens negros. As personagens escolhidas para a contação de histórias na FLIT foram: Griot, as Matriarcas do Samba; Clementina de Jesus; Carolina de Jesus; Elza Soares; Barbosa; Jovelina Pérola Negra, Lima Barreto, João Cândido, Pixinguinha, Mussum e Moacir Santos.

4 CONCLUSÃO

A oficina de contação de histórias cumpriu seu objetivo de promover uma educação antirracista. Essa vivência prática ampliou a compreensão sobre o papel da educação na construção de uma sociedade mais justa para todos os envolvidos. A abordagem interdisciplinar uniu literatura e arte para valorizar as culturas afro-brasileira e indígena. O envolvimento ativo dos estudantes evidenciou o impacto da representatividade e da reflexão coletiva. Além disso, o contato com alunos e professores reforçou a importância do diálogo e da troca de saberes. Por fim, a iniciativa ressaltou a potência da educação como instrumento de transformação social. Momentos como esses evidenciam o impacto do compromisso com a formação de cidadãos críticos e engajados.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- BOURDIEU P., & Passeron, J.-C. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Petrópolis: Vozes, 2014
- CARNEIRO, Sueli. *Dispositivo de racialidade: a construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Rio de Janeiro: Zahar, 2023.
- CARVALHO, M. M. C. *Molde nacional e fôrma cívica: higiene, moral e trabalho no projeto da Associação Brasileira de Educação (1924-1931)*. Bragança Paulista: Edusf, 1998.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.
- GURGEL, M. P. *As práticas corporais sistematizadas dos Centros Integrados de Educação Pública (1983-1987/1991-1994)*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2018.
- MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003 (399-422).
- RIBEIRO, D. *O novo livro dos CIEPs*. Brasília: Cartas, 1995.
- SANTOS, Milton, SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: território e sociedade no início de século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- _____. *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*. São Paulo: EDUSP, 2006.
- TEIXEIRA, Anísio. *Educação não é privilégio*. São Paulo: Nacional, 1977.